

ARGENTINA

Encontro tenso inicia a transição de poder

Presidente Alberto Fernández e o sucessor Javier Milei mantêm a primeira reunião para debaterem temas nacionais e de política externa. Líder eleito promete pragmatismo durante a mudança de governo. Especialistas avaliam desafios

» RODRIGO CRAVEIRO

Um café da manhã e uma conversa de duas horas e meia marcaram a primeira reunião entre o presidente eleito da Argentina, o ultralibertário Javier Milei, e o atual chefe de Estado, Alberto Fernández. Em nota protocolar, a Casa Rosada — sede do Executivo — informou que o encontro ocorreu na residência presidencial de Quinta de Olivos, a 17km de Buenos Aires, “com o objetivo de dar início ao processo de transição institucional entre as equipes designadas por ambos nas distintas áreas de governo”. Segundo o jornal *La Nación*, Fernández e Milei acordaram que a transferência de poder será feita de forma gradual em cada setor. Fontes afirmaram ao diário que a reunião foi “amável, respeitosa e institucional”. No entanto, a foto oficial mostra os dois líderes com semblantes cerrados e tenso. Hoje, será a vez de a atual vice-presidente, Cristina Fernández de Kirchner, receber no Senado Victoria Villaruel, a vice de Milei.

Horas depois, em entrevista ao jornalista Manuel Adorni para o próprio canal no YouTube, Javier Milei revelou que teve com Fernández uma “conversa muito cordial e produtiva”. “Abordamos nossas diferenças de forma educada”, assegurou. “Passamos muito tempo conversando, para mim foi valioso, conversamos sobre a transição, a política interna, a política internacional. E também a questão social. Foi uma conversa produtiva”, acrescentou. Ele deixou claro que a transição será pontuada pelo pragmatismo. “Nesse sentido, considero muito valioso tomar a experiência de quem tem estado no cargo.” Depois da reunião com Milei, Fernández também adotou um tom cordato.

Em declarações à tevê colombiana NTN24, o líder peronista lembrou que a reunião institucional “reclamava seriedade”, afirmou que ambos discutiram temas nacionais e internacionais e ensaiou um distanciamento do governo do ultralibertário. “Tomara que o novo presidente faça as coisas bem. Não compartilho de

Maria Eugenia Cerutti/Presidência da Argentina/AFP



O peronista Fernández (E) e o ultralibertário Milei, depois do café da manhã na Quinta de Olivos, a 17km de Buenos Aires: sem sorrisos

muitas de suas visões. Mas, se as coisas correrem bem, a Argentina estará bem. Não quero ser um obstáculo”, sublinhou.

Doutora em ciência política e professora na Universidad Nacional del Litoral e na Universidad de Buenos Aires (UBA), a argentina Fanny Maidana afirmou ao **Correio** que a tensão em torno da reunião entre Milei e Fernández focou-se em questões de agenda. “Milei não queria fazê-la em Olivos. Por uma questão de protocolo, foram usadas somente palavras corretas para esse tipo de encontro, que teve a presença do possível ministro do Interior do próximo governo (Guillermo Francos) e do secretário-geral da Presidência (Nicolás Posse). No entanto, as partes não divulgaram como a transição será feita. Isso não ficou resolvido. Foi mais uma reunião de protocolo, para começar a trabalhar”, observou. Ela reconhece, no entanto, que a imagem divulgada do encontro sugere “alguma tensão” na situação.

Ao telefone com o papa Francisco

O presidente eleito da Argentina, Javier Milei, falou por telefone com o papa Francisco, informou o escritório do político, após meses de relações tensas entre os dois devido às declarações ofensivas do então candidato contra o pontífice, sobre as quais ele se desculpou durante a campanha. “Sua Santidade, o papa Francisco, comunicou-se com nosso futuro mandatário para parabenizá-lo e expressar-lhe seus desejos de união e progresso para nossa pátria”, detalhou um comunicado oficial do escritório de Milei. O presidente eleito “agradeceu as palavras do sumo pontífice, que se comprometeu a enviar-lhe um terço bento como presente de posse”, diz a nota. Existe a previsão de que Francisco visite a Argentina, sua terra natal, no primeiro semestre do próximo ano.

Por sua vez, Gastón Mutti, cientista político da Universidad Nacional de Rosario e da Universidad Nacional de Entre Ríos, destacou que as fotografias divulgadas pela Presidência da Argentina mostram apenas Milei e Fernández, e nenhum assessor próximo. “Isso faz pensar em uma transição que será comandada pelos dois, e não por outras personalidades muito

importantes, principalmente dentro do governo atual — por setores da vice-presidente Cristina Kirchner ou do ministro da Economia, Sergio Massa”, explicou à reportagem. “Eu tendo a imaginar que será uma transição muito mais formal do que substancial. Com o anúncio de negociação sobre um novo acordo de preços com os supermercados, o governo seguirá com sua política

econômica até 10 de dezembro.”

Para Miguel De Luca, também professor de ciência política da UBA, o tema da passagem do bastão de comando de Milei para Fernández tem, como ponto central, a desvalorização do peso argentino. “Existe uma crença de que essa desvalorização é iminente. Obviamente, Milei não quer levar isso adiante, a fim de não pagar um custo no início de seu governo. Ele espera que o próprio Fernández o faça. Esse é o principal problema”, disse à reportagem. “Todos os outros entraves da transição, como a inflação, outras questões econômicas, como pagamentos de dívida, etc, são menores, quando comparados à desvalorização da moeda.” Ainda segundo ele, existe uma tensão entre o atual presidente e o sucessor. “Mas o problema está no fato de que Fernández não lidera o governo, não é o ‘chefe’. Esse papel cabia a Massa até a eleição. Antes, era tarefa de Cristina”, ressaltou.

Eu acho...

Fotos: Arquivo pessoal



“Um dos principais desafios de Javier Milei será a construção da governabilidade. Apesar de ele ter vencido as eleições com uma ampla diferença, cabe ressaltar que a Argentina é um país bicameral, com uma Câmara dos Deputados e uma Câmara de Senadores. Milei tem apenas oito dos 72 senadores e 40 dos 257 deputados. Se ele não construir diálogo, alianças e estratégias compartilhadas com outras forças, será incapaz de avançar na aprovação de leis.”

Fanny Maidana, professora de ciência política na Universidad Nacional del Litoral e na Universidad de Buenos Aires (UBA)



“O Libertad Avanza, partido de Milei, tem muito poucas bancadas no Congresso. Ele está claramente abaixo de um terço em ambas as câmaras do Legislativo. Esse é um problema muito grave. Nem mesmo com o apoio dos blocos do ex-presidente Mauricio Macri e da ex-ministra Patricia Bullrich essa situação se resolve. Somente lhe restam duas estratégias possíveis: um acordo com os demais partidos, mas ele teria que deixar de lado suas medidas mais extremas; ou governar por meio de decretos de necessidade e urgência. Algo equivalente às medidas provisórias que o presidente brasileiro tem à disposição.”

Miguel De Luca, professor de ciência política da Universidad de Buenos Aires (UBA)

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Hamas e Israel aceitam trégua para libertar 50 reféns

Um acordo, anunciado no fim da noite, entre o gabinete de guerra do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, e o movimento fundamentalista islâmico Hamas, sob a mediação do Catar, dos Estados Unidos e do Egito, envolverá a libertação de 50 reféns — 30 crianças, 12 mães e outras oito mulheres — capturados nos ataques de 7 de outubro. De acordo com o jornal *The Jerusalem Post*, os ministros de Netanyahu foram informados de que alguns dos sequestrados deverão ser entregues a Israel a partir de amanhã.

As Forças de Defesa de Israel (IDF) respeitarão uma trégua de quatro dias, para permitir que o Hamas transfira os reféns mantidos sob poder de outras facções, como a Jihad Islâmica Palestina. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) terá acesso aos outros reféns, a fim de verificar suas condições de saúde, e enviará medicamentos para o cativo. Em

contrapartida, além do cessar-fogo temporário, as autoridades israelenses soltarão 150 presos palestinos, também mulheres e crianças, e permitirão a entrada de combustível na Faixa de Gaza. De acordo com o jornal *Yedioth Ahronoth*, Israel suspenderá as atividades aéreas sobre a Faixa de Gaza durante seis horas por dia, a fim de que o Hamas tente reunir os sequestrados que serão soltos.

Netanyahu, declarou que aceitar um acordo é “uma decisão complicada, mas é uma decisão correta”, durante o início de uma reunião com seu governo sobre o tema. Por meio de um comunicado oficial, ao anunciar o pacto, o governo de Israel se disse “comprometido com o retorno de todos os reféns”. “Nesta noite, o governo aprovou o esboço da primeira fase para atingir esse objetivo. Pelo menos 50 reféns — mulheres e crianças — serão libertados durante quatro dias, tempo em que haverá pausa nos combates. A

Ahmad Gharabli/AFP



libertação de cada dez reféns resultará em um dia adicional de descanso”, afirma o texto. “O governo, as IDF e as forças de segurança continuarão a guerra para retornar todos os reféns, completar a eliminação do Hamas e assegurar que a Faixa de Gaza não renove qualquer ameaça ao Estado de Israel.”

Ministros da extrema-direita de Netanyahu teriam demonstrado oposição ao acordo, mas as

tratativas tiveram o apoio da maior parte do gabinete. Mais cedo, em mensagem publicada no Telegram, Ismail Haniyeh, líder do Hamas, admitiu: “Estamos perto de alcançar um acordo sobre uma trégua”. Netanyahu, que sempre condicionou qualquer cessar-fogo à libertação dos reféns, disse que o presidente americano, Joe Biden, ajudou a melhorar a proposta “para incluir mais reféns a um custo menor”.

Familiares e amigos preparam mesa de jantar simbólica em pedido pela soltura dos reféns do Hamas, em Tel Aviv

Em seu ataque de 7 de outubro contra o sul de Israel, os combatentes do Hamas mataram 1.200 pessoas, a maioria civis, e sequestraram cerca de 240 reféns, que foram levados para Gaza. Israel, que prometeu “aniquilar” o grupo extremista, respondeu com bombardeios incessantes e operações terrestres na Faixa de Gaza que, segundo o Ministério da Saúde deste território controlado pelo Hamas, mataram mais de 14 mil pessoas, entre elas milhares de menores.

Com os hospitais lotados de feridos, o risco de cólera e a falta d’água e de combustível, a crise humanitária se aprofunda no enclave. O sistema de saúde está saturado

com os milhares de feridos e doentes. “A cada dia morrem cerca de 160 crianças, ou seja, uma a cada dez minutos”, e a cada dez minutos, outras duas ficam feridas, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

As ONGs informam um forte aumento de doenças, como diarreia e infecções respiratórias, enquanto cerca de 900 mil pessoas deslocadas estão em abrigos lotados administrados pela agência da ONU para os refugiados palestinos (UNRWA). “Estamos ficando sem água. As fezes estão espalhadas por regiões densamente povoadas”, denunciou James Elder, porta-voz do Unicef. Segundo a organização, o limite de emergência de quantidade mínima diária de água por pessoa — em condições de guerra ou de fome — é de 15 litros. Em certas áreas de Gaza, os habitantes dispõem de apenas três litros d’água por dia, ou absolutamente nada, destacou Elder.